

CÔA
Economia
Ciência
Cultura
Poética
Visão₂₈

CÔAVISÃO 28

COORDENAÇÃO

José Manuel Costa Ribeiro
António N. Sá Coixão

EDIÇÃO

Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa
Praça do Município
5150-642 Vila Nova de Foz Côa

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Tipografia Lobão, Lda.
Almada

DEPÓSITO LEGAL

121116/98

ISSN

2183-234X

TIRAGEM

750 exemplares

CAPA

Vinhas doiradas...
Fotografia de Adriano Ferreira

DATA DE EDIÇÃO

Maio de 2026

PERIODICIDADE

Anual

ÍNDICE

PREFÁCIO 5

INTRODUÇÃO
Os Coordenadores 7

ECONOMIA

Despovoamento e desenvolvimento territorial na Europa: uma análise crítica a partir da economia regional, da governação multinível e da inovação social
José R. Pires Manso 11

Valoração social, apropriação territorial e governação patrimonial nos Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa
José Paulo Francisco 17

Gil Vicente, beirão, nasceu em Guimarães de Tavares
António Fortes 35

Senabrés, a llengua de casa
Daniel Boyano Sotillo 43

Novas figuras antropomórficas do Paleolítico Superior na arte do Côa, em dois sítios da margem direita do Douro: Vale de João Esquerdo e Vale do Esfolá Cabras
Mário Reis 49

Comunicação ancestral: o estudo da arte rupestre
José Moreira 59

As gravuras rupestres da ribeira da Gravata. Grafismos simbólicos de uma comunidade pastoril (Maçores, Douro Transmontano-Raiano)

RESEÑA
Madelín Zeida Pupo Santiesteban. . 77

CIÊNCIA

Regresso à Penascosa (quase) 30 anos depois da inauguração do PAVC
Thierry Aubry, Miguel Almeida, Sílvia Aires, André Ferreira, Luís Luís, Patrícia Ramos, André T. Santos e Marcelo Silvestre 81

Trabalhos Arqueológicos em Castanheiro do Vento: 2025
João Muralha e Américo Araújo . 93

Dados Arqueológicos na Região do Baixo Côa. O Fim do Mundo Antigo e o Começo da Idade Média
António N. Sá Coixão 107

30 Anos do Parque Arqueológico do Vale do Côa. Europa, Memória e Pensamento Fozcoense
João Paulo Lucas Sousa 123

Ritos del fuego en la Raya hispano-portuguesa. Hogueras tradicionales en Ciudad Rodrigo
José Ignacio Martín Benito 127

O sempre surpreendente engenheiro agrónomo Artur Saraiva Castilho
Aires Diniz 137

«Pinhel Guarda-Mor do Reino - o Concelho no Século XIX»: a Interpretação Histórica de Marinho dos Santos
José Luís Lima Garcia 153

Como ver agora os sindicatos?
João Freire 165

El arte de la filigrana en el noroeste peninsular. Aportación a los orígenes y paralelos etnográficos
José Miguel Sánchez Benito . . . 169

João da Chela chamado por Carlos d'Abreu
Paulo Jorge Brito e Abreu 181

CULTURA

Marmalho – Uma palavra, um mistério, um milagre
Albino Matos187

Uma pérola cintilante no Alto-Douro! Apontamentos históricos da comunidade paroquial da Póvoa da Veiga da Terra de Santa Maria e a génese devoção a Santa Maria da Veiga - séculos XIII/XV
Luciano Moreira191

A revolta do Vilarinho da Castanheira contra o imposto do trabalho braçal (1938) (uma primeira abordagem)
Carlos d’Abreu..... 207

Ferrocarril en la Raya – ese problema sin solución
Ángel Centeno.....217

Una excursión a la “sacristía de Camporredondo”
Carlos García Medina 223

Telmo Ferraz, A Gramática de uma Fidelidade Centenária. Um Século de Lodo e Estrelas
Henrique Manuel Pereira.....227

Um rio ímpar e universalista
Paulo Cordeiro Salgado231

Esperantiso, lingvo internacia
Roxana Paz & Roger Prieto..... 237

Desde cuando...
Jesús Gómez Morante 243

Poética
Augusto Pedregoso 253
Carlos d’Abreu..... 254
Carmen del Rio Bravo..... 255
Carmen Herrera Castro 256
Edison Alves..... 257
Helena Carvalho 258
Josep Mata..... 259
Karlotti do Vale 260
Luís Maçarico.....261
Mohamed Hammú 262
José Carlos Garrucho 263

Portefólio
Victorino Calderón 265

Anexo
Pedro Duarte 303
Gustavo Duarte 305
João Paulo Sousa 307
Rui Vieira..... 309
J. C. Lopes Martins 311
Filipe M. F. Palavra313

Regresso à Penascosa (quase) 30 anos depois da inauguração do PAVC

Thierry Aubry^{1,2}, Miguel Almeida^{2,3},
Sílvia Aires^{1,4}, André Ferreira⁵, Luís Luís^{1,2},
Patrícia Ramos⁶, André T. Santos^{2,7} e
Marcelo Silvestre¹

Descoberto em janeiro de 1995 por Adriano Ferreira (Rebanda, 1995), o sítio de arte rupestre da Penascosa localiza-se entre as freguesias de Castelo Melhor e Almendra, concelho de Vila Nova de Foz Côa, a cerca de 9 quilómetros da foz do rio Côa, na sua margem direita (Lat. 41,005009°; Long. -7,105063°) (Fig. 1). Esta concentração de rochas gravadas encontra-se classificada como Monumento Nacional (Decreto n.º 32/97, de 2 de julho e Decreto n.º 6/2013, de 6 de maio) e integra o conjunto dos sítios de Arte Pré-histórica do Vale do Côa, inscrito na Lista de Património Mundial da UNESCO (1998). O resultado dos levantamentos e da interpretação de 15 das 23 rochas gravadas conhecidas em 1996 foi publicado em 1997 (Baptista, Gomes, 1997; Zilhão, 1997), tendo outras 7 sido publicadas em 2019, a par da reinterpretação de algumas das publicadas anteriormente (Santos, 2019).

Este sítio foi objeto das primeiras sondagens arqueológicas realizadas com o objetivo de encontrar vestígios que poderiam fornecer um contexto para a arte paleolítica do Vale do Côa, descoberta em 1991 e divulgada no fim de 1994. Em agosto de 1995, foram realizadas três sondagens manuais sob a responsabilidade de João Zilhão, em frente às rochas gravadas

¹ Côa Parque - Fundação para a Salvaguarda e Valorização do Vale do Côa.

² UNIARQ, Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

³ Morph – Geociências, Lda - Grupo Dryas.

⁴ Instituto de Ciências da Terra - Polo do Porto.

⁵ Fundação para a Ciência e Tecnologia: PRT/BD/154868/2023.

⁶ Fundação para a Ciência e Tecnologia: PRT/BD/154947/2023 - CITCEM, Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória.

⁷ Universidade de Coimbra, CEAACP - Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património, Faculdade de Letras, Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes.

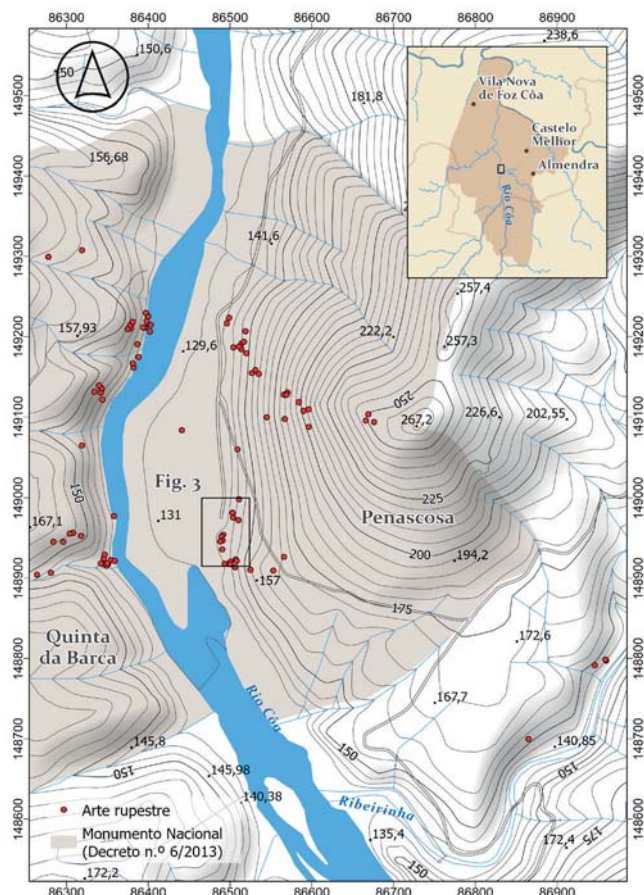


Fig. 1: Núcleo de arte rupestre da Penascosa

4 e 5 e na base da vertente, abaixo da rocha 6 (Fig. 2). Estas sondagens não permitiram descobrir vestígios arqueológicos contemporâneos da arte, mas evidenciaram a acumulação e preservação de depósitos de cronologia moderna, como comprovavam os fragmentos de cerâmicas e os objetos metálicos então encontrados (Zilhão, 1997).

Uma outra sondagem foi realizada na planície aluvial, cerca de 400 metros a jusante, desta vez com meios mecânicos, numa extensão de 46 metros. As características sedimentológicas das camadas sedimentares nos cortes expostos e a presença de fragmentos de cerâmicas modernas confirmavam a cronologia holocénica (< 12.000 anos) dos depósitos aluviais que preenchem o fundo do Vale do Côa até à cota de cerca de 133 m, entre a Penascosa e a Quinta da Barca. Foi ainda obtida uma data radiocarbono de 1000 ± 60 BP (Sac 1322), a partir de uma amostra de matéria orgânica recolhida na unidade estratigráfica 5 deste corte (Zilhão, 1997, p. 45). Um nível mais escuro,

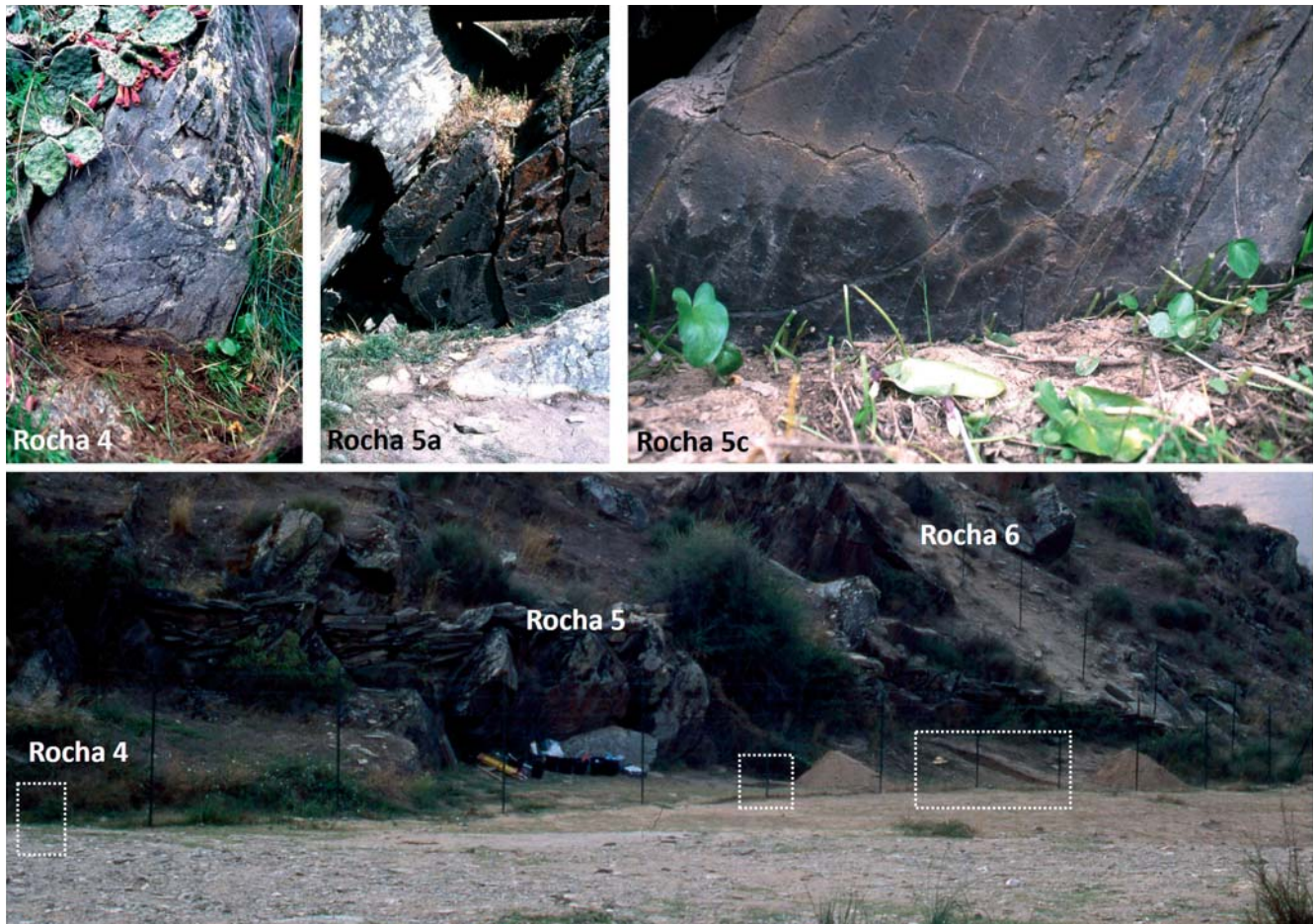


Fig. 2: Rochas 4 e 5 ainda ocultadas em parte por sedimentos e sondagens realizadas em agosto de 1995 em frente às rochas 4, 5 e 6

rico em matéria orgânica, foi também observado nas sondagens realizadas em frente às rochas 4 e 5. A datação das areias aluviais pelo método da luminescência, levada a cabo em 1995 no quadro do projeto “*datação direta*” da EDP, confirmou a cronologia holocénica recente da integralidade do preenchimento sedimentar aluvial da planície aluvial da Penascosa, fornecendo resultados de cerca de 1000 anos para um nível equivalente à unidade estratigráfica 5, atrás referido, e de 4000-6000 anos, para uma amostra recolhida na camada de base, a cerca de 2,5 metros de profundidade (Zilhão, 1997, p. 13).

As prospeções geofísicas efetuadas pelo Departamento de Geociências da Universidade de Aveiro, em frente às rochas gravadas e em torno das áreas das sondagens, permitiram avaliar a espessura dos depósitos aluviais, a profundidade e a topografia do aflora-

mento rochoso, bem como estabelecer a organização estratigráfica dos conjuntos sedimentares aluviais junto ao núcleo de rochas gravadas da Penascosa (Almeida, 1997). Os dados obtidos mostram uma inclinação para oeste do afloramento rochoso, em direção ao rio, e a existência de 4 a 5 metros de espessura estimada de depósitos acumulados pelo rio.

Durante a escavação e a descrição do corte mecânico foi detetada uma cascalheira na sua extremidade oriental, que corresponde ao limite da planície aluvial e ao início da vertente, por baixo de uma camada que contém vestígios líticos da Pré-história Recente. O depósito da base, constituído por clastos de rochas xistentas, foi interpretado como de cronologia possivelmente pleistocénica (Meireles, 1997). Este depósito, resultante da acumulação de materiais provenientes da vertente, apresenta um limite supe-

rior com uma topografia que indica que foi afetado por um processo erosivo posterior ao Paleolítico. Esta cascalheira poderia ser o equivalente dos depósitos de vertente identificados, dois quilómetros a jusante, no sítio do Colmeal e na margem oposta, nas sondagens das Olgas de Ervamoira (Aubry *et al.*, 2010). Foi com base nestas observações na Penascosa e no Colmeal que foi avançada a hipótese de uma eventual preservação de depósitos contemporâneos da arte paleolítica, anteriores aos níveis aluviais holocénicos que preenchem atualmente o fundo do Vale do Côa, tendo conduzido à realização da primeira sondagem em frente à rocha 1, no sítio do Fariseu (Aubry, Baptista, 2000; Aubry, 2009, 2010).

No âmbito do projeto PIPA “*Do Neandertal ao Homem anatomicamente moderno no centro da Península Ibérica: simbolismo e redes sociais no Vale do Côa*”, iniciado em 2017, realizaram-se novas sondagens arqueológicas na Penascosa em 2018. Conheciam-se 36 rochas gravadas no sítio, das quais 30 com gravuras de estilo paleolítico (Reis, 2014, quadro 9.2). As sondagens realizadas então e no início de 2019 confirmaram a presença de depósitos aluviais recentes, mas não permitiram a identificação das condições geomorfológicas necessárias para a preservação de depósitos aluviais de idade pleistocénica. Contudo, revelaram a existência de mais duas rochas gravadas, 37 e 38, sendo esta última integralmente coberta por depósitos aluviais recentes, equivalentes e contemporâneos dos sedimentos evidenciados nas sondagens realizadas em 1995 (Aubry *et al.*, 2021).

Todavia, a sondagem em frente à rocha 37 confirmou as deduções feitas com base no corte mecânico, com a preservação, numa área de menos de 1 m², de vestígios de pedra lascada com características tipotecnológicas e utilização de matérias-primas específicas que sugerem uma cronologia finipaleolítica, conhecida no sítio próximo da Quinta da Barca Sul (Aubry, 2009). Estes novos dados pareciam confirmar a atribuição dos depósitos de vertente da base da sondagem mecânica de 1995 e indicavam que, em condições especiais relacionadas com a topografia do substrato e a queda de grandes blocos,

poderiam estar conservados depósitos e vestígios mais antigos que o preenchimento holocénico da planície aluvial atual.

Os trabalhos não revelaram a preservação de contextos sedimentares e arqueológicos pleistocénicos junto à rocha 38, mas estabeleceram dados novos para a reconstituição da evolução da dinâmica aluvial e dos ciclos de sedimentação e erosão neste troço da planície aluvial do Vale do Côa e sobre a evolução da visibilidade das rochas gravadas em função da sua posição topográfica, com as gravuras mais antigas localizadas no topo da encosta e as mais recentes no limite da planície aluvial (Aubry *et al.*, 2020, 2021).

Os decalques das gravuras das rochas 37 e 38 confirmam a singularidade da sua arte no contexto conhecido da arte paleolítica da Penascosa. Destacam-se a presença de uma figura de estilo azilense na 37 e as temáticas da 38, que encontram paralelos morfoestilísticos no contexto do Magdalenense franco-canábico (Santos e Aubry, 2024). A descoberta destas novas rochas, numa posição topográfica mais baixa do que o registo conhecido até então na Penascosa, trouxe novos elementos para a sua interpretação, introduzindo novidades ao nível cronostilístico e da visibilidade e funcionalidade da sua arte, ao longo e depois do Paleolítico Superior (Aubry *et al.*, 2020).

Na sequência das sondagens de 2018 e 2019, foram realizadas duas campanhas de prospeção geofísica, sob a direção de Miguel Almeida (Morph), com o objetivo de averiguar a continuação da diáclase que configura a rocha 38. Os resultados dos trabalhos e o modelo 3D elaborado para a reconstituição da organização dos depósitos e do afloramento rochoso indicavam a continuidade do ressalto/suporte das gravuras da rocha 38, nos filitos (rocha metamórfica comumente chamada xisto) da Formação Pinhão, que constituem o substrato rochoso da Penascosa. Face a estes resultados admitia-se uma correspondência provável com a mesma linha de falha, identificando, assim, a possível presença de um suporte rochoso com boas condições para gravação (Almeida *et al.*, 2023). Esta prospeção revelou, ainda, a

existência de uma reentrância do afloramento, que se admitia ter contribuído para a preservação de sedimentos pré-históricos nessa área específica.

Resultados da campanha de 2025

As sondagens arqueológicas de 2025 no sítio da Penascosa foram realizadas no âmbito do projeto Côa 3P: *Paleogeografia, Paleocologia e Paleontologia do Côa e territórios envolventes*, pela equipa de arqueologia da Fundação Côa Parque, juntamente com a MORPH, com a colaboração de doutorandos da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) e estagiários do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ) e da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP). O projeto Côa 3P vem na sequência de questionamentos sugeridos por dois projetos anteriores: *PaleoCôa* e *ClimateCôa*, ambos financiados pela FCT. Os objetivos do projeto consistem em reconstituir com maior precisão os modos de vida, a economia e a mobilidade das comunidades humanas de caçadores-recoletores que viveram no Vale do Côa durante o Paleolítico. O projeto também visa reconstituir a evolução local e a resposta socioeconómica às oscilações climáticas globais conhecidas durante o Paleolítico Médio e Superior, incluindo as populações vegetais e animais.

A concretização destes objetivos ambiciosos passa necessariamente por descobrir novos sítios arqueológicos, ou novas áreas nos já conhecidos, que preservem o registo sedimentar e, eventualmente vestígios arqueológicos associados. Estes contextos deverão permitir estabelecer uma relação estratigráfica direta ou indireta entre as rochas gravadas e as outras categorias de vestígios arqueológicos deixados no território, tal como já alcançado no meandro do Fariseu (Aubry, Baptista, 2000; Aubry, 2009; Aubry, Santos e Luís, 2014), na área da rocha 9 (Aubry et al., 2025) e junto à rocha 24 da Foz de Piscos (Luís, 2009).

Assim, os objetivos das novas sondagens no sítio da Penascosa consistiam, primeiro, em averiguar a continuação da diáclase que configura o suporte da rocha 38 e verificar a existência de uma reentrância do aflo-

ramento, sugeridas pelos resultados da prospeção geofísica, realizada após as sondagens de 2019, que poderiam ter contribuído para a preservação de depósitos aluviais ou de vertente do Holocénico antigo ou Pleistocénico, tal como acontecera em duas áreas do sítio do Fariseu (Aubry et al., 2009, 2014, 2025). O outro objetivo consistia em efetuar sondagens para averiguar a existência de depósitos e vestígios pleistocénicos protegidos pela queda dos grandes blocos, que podem ser observados a jusante da rocha 3, tal como junto à rocha 37 (Aubry et al., 2021).

A Sondagem 1 (Fig. 3), realizada em junho, com meios mecânicos e manuais, não atingiu o afloramento rochoso. Numa extensão de 6 metros e uma profundidade de cerca de 1,5 metros, não foi encontrado qualquer painel gravado, ao contrário do que sugeriam as prospeções geofísicas (Almeida, et al., 2023). Os cortes mostram uma alternância de ca-

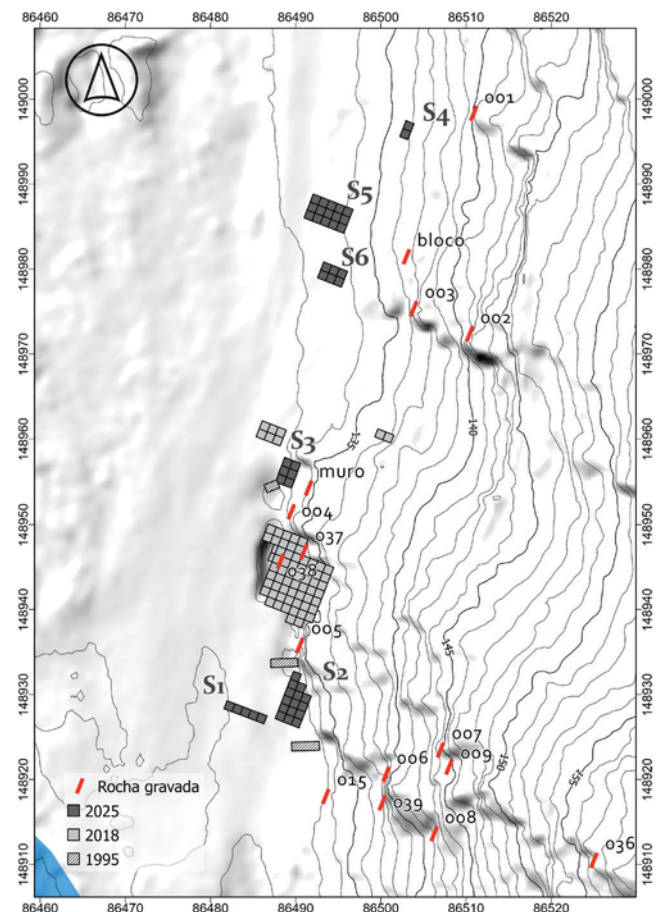


Fig. 3: Localização das sondagens realizadas em 1995, 2018/2019 e 2025 no sítio da Penascosa

madas de sedimentos arenoso-siltosos e de outros constituídos por acumulações de seixos de quartzo, filitos e granitos de grande dimensão (alguns com mais de 50 cm de diâmetro). Comparado com o registo sedimentar evidenciado anteriormente na planície aluvial, estes elementos de grande dimensão denotam, nesta área do meandro e nesta margem, uma maior competência e poder erosivo do rio Côa do que atualmente.

A Sondagem 2, efetuada mais perto da encosta rochosa, na continuação da rocha 5c e no prolongamento da primeira sondagem, revelou uma sequência constituída por depósitos aluviais equivalentes aos conhecidos frente à rocha 38. Estes depósitos estavam intercalados com uma camada constituída pela acumulação de lajes, placas e plaquetas de filitos. Interpretamos estes fragmentos como o resultado de uma ação antrópica relacionada com a extração de grandes lajes, visível no afloramento sobrejacente, que foram utilizadas para a construção do açude do moinho de água, que ocupa a parte central do meandro, bem visível na fotografia aérea de 1958 (Fig. 4). As diáclases exumadas no substrato rochoso que aparecem por baixo de cerca de 1,5 m destes sedimentos de acumulação recente são de pequenas dimensões e formam pequenos patamares no substrato rochoso inclinado em direção ao rio Côa. Na base, foi detetada uma concentração de matéria orgânica que pode ser o equivalente do horizonte datado pelo radiocarbono de cerca de 1000 anos.

A terceira sondagem, efetuada imediatamente a jusante da rocha 4, mostrou que o painel gravado do cavalo com três cabeças não continua nesta direção e que esta área da encosta foi também objeto de uma exploração intensiva para obter as lajes necessárias para a construção do açude do moinho (Fig. 5). Contudo, foram encontrados alguns vestígios de pedra lascada, misturados com a camada formada pelas placas de filitos. A associação com objetos metálicos e fragmentos de cerâmica moderna sugere que estes vestígios foram deslocados depois da exploração da pedra e resultam da alteração da topografia da vertente.

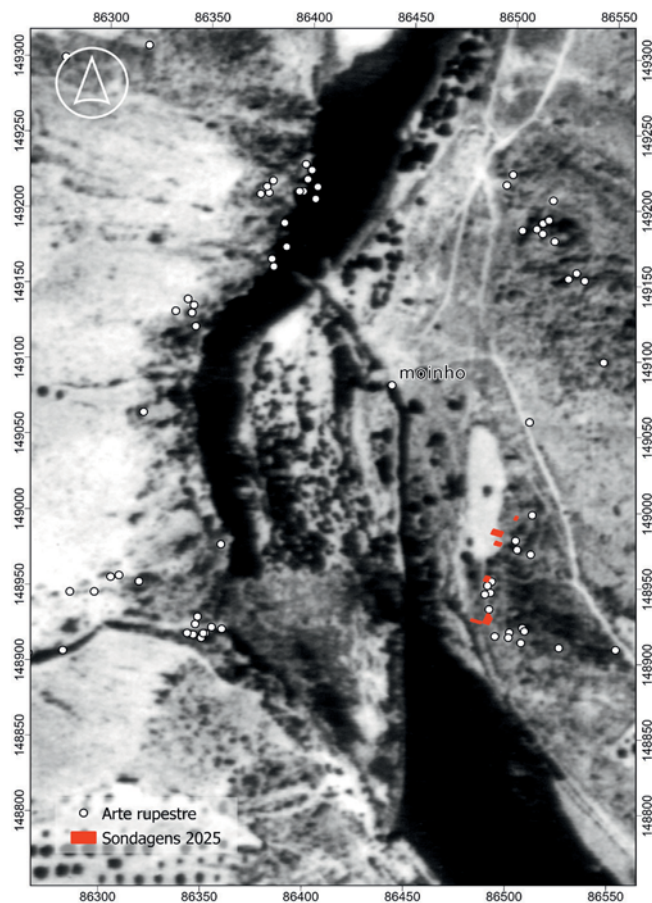


Fig. 4: Fotografia aérea da Penascosa (USAF 1958, fl. 8461)



Fig. 5: Sondagem 3

Paralelamente às sondagens realizadas para conhecer o preenchimento sedimentar e a topografia do substrato rochoso na planície aluvial e no limite da encosta, onde estão concentradas as rochas gravadas, foi efetuada uma limpeza da vegetação e da camada orgânica a jusante da rocha 3 (Fig. 6). Este trabalho revelou, por um lado, a importância do impacto da exploração do afloramento rochoso nesta área, onde foi possível constatar uma acumulação de lajes de grandes dimensões, que foram deixadas na superfície dos terrenos, e, por outro, entrever a magnitude do volume de pedra extraído, pelo menos na ordem das dezenas de metros cúbicos.



Fig. 6: Limpeza da camada superficial na área jusante da concentração de arte rupestre

Na continuação destes trabalhos de limpeza para jusante da rocha 3, foi detetada uma grande laje com um traço picotado na sua superfície de diáclase incluída num amontoado de lajes de grandes dimensões (indicada como bloco na Fig. 3), algumas das quais ostentando negativos da utilização de ferramentas metálicas para a sua extração. Este traço incompleto poderá corresponder a uma figura zoomórfica ou um motivo geométrico (Fig. 7).

Numa sondagem (Sondagem 4) no meio da vertente, em frente a uma diáclase que aparecia à superfície, encontrou-se o afloramento rochoso por baixo de uma espessura de cerca de 50 cm de sedimentos finos e de placas de filitos provenientes da degradação da encosta. Não foi encontrado qualquer vestígio arqueológico.

Considerando os resultados negativos obtidos durante as sondagens da primeira fase dos trabalhos, realizada em junho, a segunda campanha, já em setembro, consistiu em avaliar o potencial de preservação sedimentar na área jusante do sítio. Os trabalhos de limpeza da superfície do terreno mostravam a existência de camadas constituídas por litologia mais resistente no substrato rochoso da Formação Pinhão. Estas cristas orientadas perpendicularmente

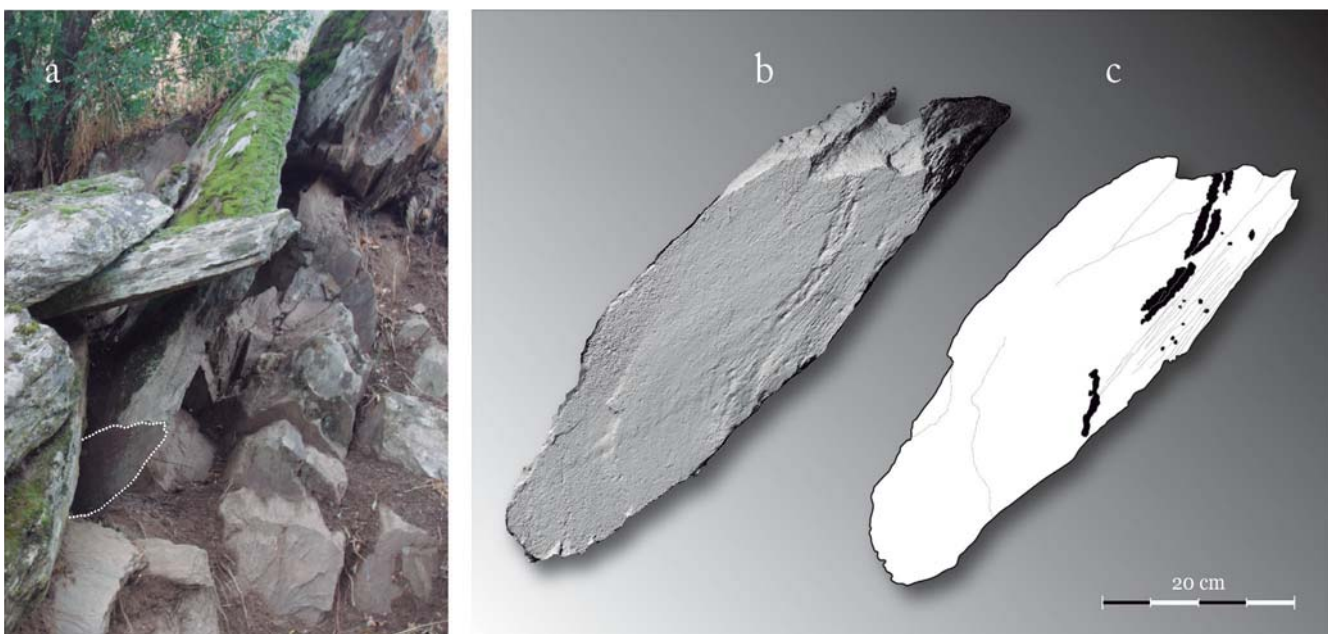


Fig. 7: Laje destacada do afloramento rochoso durante a extração, com um traço picotado na sua superfície de diáclase

ao rio Côa poderiam constituir pequenas armadilhas para os depósitos aluviais e de vertente.



Fig. 8: Escavações na Sondagem 5

A Sondagem 5, realizada na base de uma destas cristas rochosas que ladeiam a encosta (**Fig. 8**), confirmou a nossa hipótese. As diáclases evidenciadas não apresentavam gravuras, constituindo pequenos patamares semelhantes aos observados na sondagem 2. Contudo, a espessura dos sedimentos acumulados era mais importante do que na zona mais elevada da vertente. No depósito mais antigo, constituído por placas de filitos acumuladas nas depressões do topo do afloramento rochoso, foram encontrados vários seixos de quartzito, quartzo e granito, junto com lascas e núcleos de quartzo e quartzito. Foi descoberto, ainda, um núcleo para a produção de lamelas na extremidade de um cristal de rocha, com características tecnológicas que constituem uma evidência da presença humana no sítio durante o Paleolítico.

Assim, com base nesta nova informação, foi iniciada outra sondagem, esta em frente a uma diáclase visível à superfície que corresponde a outra faixa de rocha mais resistente. A continuação desta crista em direção ao topo da vertente é constituída pelo famoso painel 3 da Penascosa (**Fig. 9**). A sondagem 6 confirmaria o potencial desta crista mais alta e resistente para reter os sedimentos antigos. Por baixo de cerca de um metro de areias e siltes com objetos modernos,



Fig. 9: Corte entre a rocha 3 e o perfil longitudinal da sondagem 6

foi encontrado um primeiro nível de lajes e placas. A orientação preferencial das placas, algumas queimadas, indica uma deslocação ao longo da vertente (**Fig. 10**). Esta unidade estratigráfica (UE 4a) contém alguns vestígios líticos, mas forneceu também vários fragmentos não decorados de cerâmica, incluindo alguns bordos e outros fragmentos capazes de sustentar uma reconstituição, bem como uma superfície brunida, constituindo um conjunto provavelmente atribuível à Idade do Bronze (**Fig. 11**).



Fig. 10: Escavação da unidade estratigráfica 4a



Fig. 11: Fragmento de cerâmica atribuída à Idade do Bronze

Sob uma descontinuidade estratigráfica, bem visível no corte longitudinal (Fig. 12), que indica que o rio erodiu as suas margens, os sedimentos das unidades estratigráficas subjacentes, mais compactos, resultam de uma alternância entre dois processos sedimentares: 1) a deposição de areia e siltes pelo rio e 2) a deslocação de materiais ao longo da vertente, sobretudo placas de filitos destacadas dos afloramentos rochosos.

A escavação das unidades 4b, 4c, 5a/5b/5c revelou, pela primeira vez no sítio, a existência de utensílios de pedra lascada e de blocos de quartzo e placas

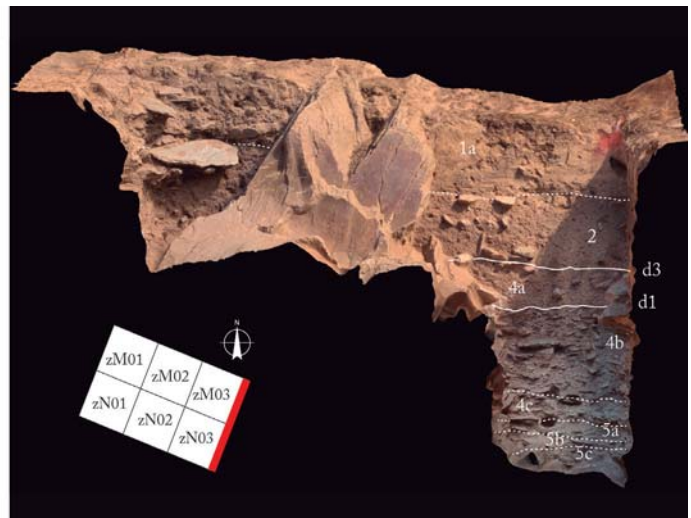
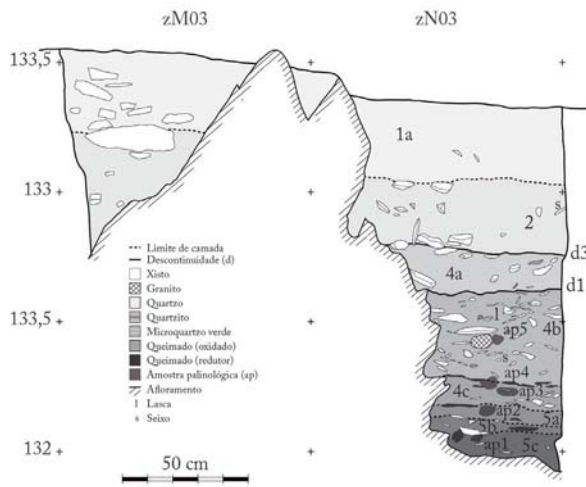


Fig. 12: Corte transversal da sondagem 6

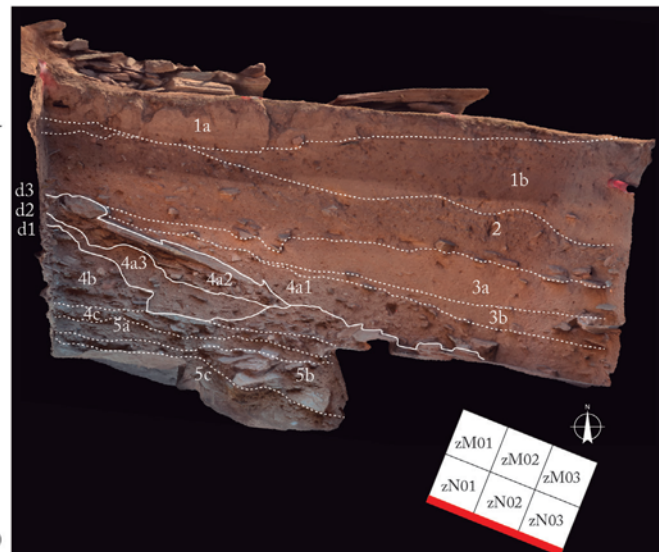
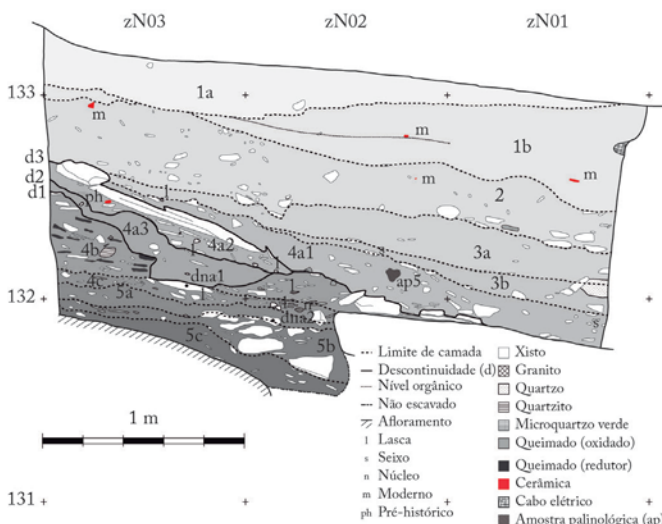


Fig. 13: Corte longitudinal da sondagem 6

de filitos queimados, que serão restos de fogueiras, atestando a presença de grupos humanos durante o Paleolítico superior a apenas alguns metros da famosa rocha 3 da Penascosa. A presença de matérias-primas locais, como quartzo, cristal de rocha, quartzito e silicificações de grão fino regionais, com origem entre a Falha da Vilariça e a região de Almeida, associadas a sílices da Estremadura portuguesa e silcretos da Meseta Ibérica, são características das opções de aprovisionamento de todas as ocupações do Paleolítico Superior no Vale do Côa.

Além desta atribuição genérica, os métodos de produção de lamelas sobre raspadeiras afocinadas produzidas sobre as rochas locais, regionais e distantes (Fig. 14), bem como as características tipológicas das lamelas retocadas de sílex e de outras rochas (Fig. 15), apontam, desde já, para várias estadias no sítio há cerca de 26 000 anos, preservadas na unidade estratigráfica 4c. No topo desta camada, foi encontrada uma ponta de tipo Vale Comprido, em quartzo cinzento (Fig. 16), ferramenta típica da fase de transição entre o Gravettense e o Solutrense na Península Ibérica e no Sul da França (Zilhão e Aubry, 1995; Zilhão, Aubry e Almeida, 1997). Os núcleos de cristal de rocha e as lamelas, encontrados na UE 5, têm paralelos com as indústrias líticas encontradas nas ocupações gravettenses da região. As remontagens entre vestígios de pedra lascada permitiram estabelecer relações entre algumas das peças encontradas na proximidade de umas das outras, sugerindo uma boa preservação dos vestígios e pouca deslocação depois do abandono.

Nas unidades estratigráficas 2, 4b e 4c da sondagem 6 da Penascosa foram encontrados 18 fragmentos de pigmentos minerais de cor castanha, amarela, preta e vermelha (Fig. 17). Apesar de a primeira análise indicar que estes pigmentos possam corresponder a hematite, goetite e pirolusite, estes fragmentos serão analisados pelo método da difração de raios-x para determinar a composição e identificar os tipos de pigmentos encontrados.



Fig. 14: Núcleos em forma de raspadeira afocinada para a produção de lamelas em calcedónia verde (n.º 1-3) e quartzo (n.º 6, 7) da unidade 4c. Núcleos prismáticos sobre cristal de quartzo da unidade estratigráfica 5 (n.º 4, 5)



Fig. 15: Lamelas retocadas exumadas na unidade estratigráfica 4c, em sílex (n.º 1-4), calcedónia verde (n.º 5, 6), cristal de rocha (n.º 7, 8), quartzo listrado cinzento (n.º 9), jaspe (n.º 10)



Fig. 16: Ponta de Vale Comprido em quartzo recolhida na unidade estratigráfica 4c



Fig. 17: Fragmentos de pigmentos minerais encontrados na unidade estratigráfica 4b e 4c

Implicações e perspectivas

Trinta anos depois das primeiras tentativas para encontrar vestígios deixados pelos autores da arte paleolítica do Vale do Côa, a Penascosa junta-se, assim, ao sítio do Fariseu e da rocha 24 da Ribeira de Piscos, que eram, até agora, os únicos sítios com preservação de vestígios das atividades quotidianas, junto a painéis gravados ao ar livre no Vale do Côa. Resultados como estes, em que se confirma a coincidência de vestígios de habitat, que informam sobre as atividades quotidianas de produção de armas de caça e da gestão do fogo, perto de rochas gravadas, são muito raros em toda a arte paleolítica (**Fig. 18**). Desta forma, os dados do Vale do Côa constituem-se como cruciais para uma melhor compreensão dos modos de vida, dos territórios e das sociedades dos grupos humanos do passado, mas também para compreen-

der a localização das rochas gravadas no território e as suas possíveis funções e usos.

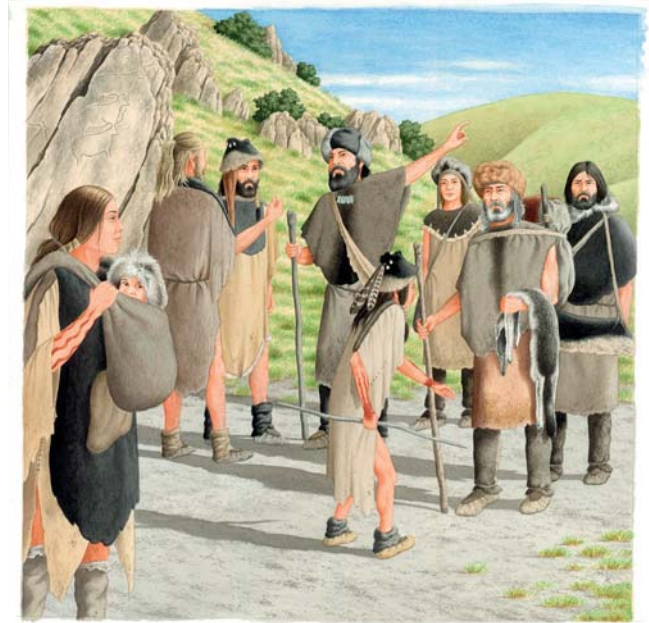


Fig. 18: Imagem tradicional do contexto da arte rupestre paleolítica, separado da vida quotidiana, que os resultados da escavação realizada na Penascosa vêm contestar (ilustração de Marcos Oliveira)

No caso da Penascosa, ainda não há dados que permitam estabelecer uma relação direta entre as gravuras da rocha 3 e os vestígios encontrados na sondagem. Porém, as características tecnotipológicas dos vestígios deixados na unidade 4c da sondagem 6 apontam para uma frequência repetida do sítio há cerca de 26 000 anos. Esta data vem ao encontro da cronologia que desde os primeiros estudos científicos se propôs para o início do ciclo artístico paleolítico do Vale do Côa, com base na comparação estilística (Zilhão, 1997, p. 28) e encontra-se a meio da fase mais antiga proposta por um de nós (Santos, 2019), a partir da evidência indireta proporcionada pelo achado de picos na Olga Grande 4 em camada datada de há 30 000 anos (Aubry, 2001) e da data mínima para as gravuras do Fariseu de cerca de 23 000 anos (Aubry, Santos & Luís, 2014). A data de 26 000 anos corresponde ao limite inferior da data por nós proposta para o momento erosivo na Penascosa que terá “libertado” as rochas do fundo do vale (Aubry et al., 2020, p. 130). A clara descontinui-

dade erosiva identificada no corte longitudinal (Fig. 13) acima do nível datado daquele momento parece confirmar esta hipótese. Este aspeto é importante porque nos permitirá identificar e precisar as diferenças entre as figuras da fase 1 anteriores a 26 000 anos (e que poderão chegar aos 30 000 anos) e as posteriores a esta data e que poderão chegar a cerca de 23 000 anos, tal como demonstrado pelos recentes trabalhos realizados no Fariseu (Aubry et al., 2025). No caso da Penascosa, estas diferenças devem ser procuradas entre as figuras da fase 1 da rocha 3 e das que se localizam mais acima e as da fase 1 que se encontram da rocha 5 para baixo (Aubry et al., 2020, p. 124, fig. 6).

São ainda esperados dados acerca da origem das rochas e das técnicas utilizadas para a produção das armas de caça e ferramentas de pedra lascada. Por outro lado, encontra-se em fase de realização o estudo do conteúdo palinológico das camadas sedimentares escavadas, no âmbito da tese de doutoramento da Patrícia Ramos, que contribuirá para uma imagem da evolução da vegetação ao longo da ocupação humana da região. A caracterização dos pigmentos minerais e a interpretação da sua função podem trazer novos dados relativos à questão da possível complementaridade entre a gravura e a pintura na arte paleolítica do Vale do Côa.

Apesar dos resultados negativos obtidos nas sondagens da área mais a montante do sítio da arte rupestre, as sondagens de 2025 revelaram que o potencial informativo sobre a arte paleolítica e o seu contexto está longe de estar esgotado. Novas sondagens, na continuação da sondagem 6 em direção à rocha 3, mas também em outras áreas que apresentam as condições necessárias para a preservação dos vestígios das passagens durante o Paleolítico, são susceptíveis de trazer outras surpresas.

Bibliografia

- ALMEIDA, F. (1997). Prospecção geofísica de depósitos quaternários, in: Zilhão, J. (coord.), *Arte Rupestre e Pré-História do Vale do Côa. Trabalhos de 1995-1996*. Ministério da Cultura, Lisboa, pp. 55-73.
- ALMEIDA, M., AIRES, S., RAMOS, N., FERREIRA, A., SANTOS, A., AUBRY, T., LUÍS, L., SILVESTRE, M. (2023). Aos ombros do último artista do Côa: Um olhar prospectivo sobre a investigação arqueológica nos vales do Côa, Águeda e Ribeira de Aguiar, in: Correia, D., Santos, A. (Eds.), *Por Este Rio Acima: A Arte Pré e Proto-Histórica Do Vale Do Côa: Estudos em Homenagem a António Fernando Barbosa*. Côa Parque, Fundação para a Salvaguarda e Valorização do Vale do Côa, Vila Nova de Foz Côa, pp. 267-313.
- AUBRY, T. (2001). L'occupation de la basse vallée du Côa pendant le Paléolithique supérieur. In ZILHÃO, J.; AUBRY, T. & CARVALHO, A. M. F. de (eds.), *Les premiers hommes modernes de la Péninsule Ibérique. Actes du Colloque de la Commission VIII de l'UISPP*, Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. *Trabalhos de Arqueologia*, 17, pp. 253-273.
- AUBRY, T. (2009). *200 séculos da história do Vale do Côa: incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*. *Trabalhos de Arqueologia*, 52, 511 p.
- AUBRY, T. (2010). Géomorphologie des plaines alluviales du Côa: implications sur la visibilité et la conservation de l'art paléolithique de plein air. In: *Actas da Reunião, El Paleolítico Superior Peninsular- Novecentos del siglo XXI*, Barcelona, pp. 239-254.
- AUBRY, Thierry, Baptista, António Martinho (2000). Une datation objective de l'art du Côa. *La Recherche*. Bruxelas. Hors Série. 4, pp. 54-55.
- AUBRY, T., BARBOSA, A. F., LUÍS, L., SANTOS, A. T., SILVESTRE, M. (2021). Descoberta de duas novas rochas no núcleo de arte rupestre da Penascosa. Vila Nova Foz Côa. In: Naldinho, S.M.E., Silvino, T. (eds.), *Estudos Em Homenagem Ao Doutor António Do Nascimento Sá Coixão*. Vila Nova Foz Côa: Museu da casa Grande de Freixo de Numão, pp. 337-370.
- AUBRY, T., DIMUCCIO, L.A., SAMPAIO, J., SANTOS, A. (2010). Olgas de Ervamoira: seis metros de arquivo da Pré-História nas margens do rio Côa. *Coavisão*, 12, pp. 133-143.

- AUBRY, T.; SANTOS, A. T.; ALMEIDA, M.; AIRES, S.; BARBOSA, A. F.; LUÍS, L.; SILVESTRE, M. (2025). Rocha 9 do Fariseu: contributo para a datação e contextualização da arte do Côa. In: *Estudos sobre Arte Rupestre: In memoriam Andrea Martins*, editado por Arnaud, José Morais; Neves, César; Diniz, Mariana, 94-143. Lisboa, Portugal: Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- AUBRY, T, SANTOS, T., A, LUÍS, L. (2014). Stratigraphies du panneau 1 de Fariseu : analyse structurelle d'un système graphique paléolithique à l'air libre de la vallée du Côa (Portugal). P. Paillet (dir.), *Les arts de la Préhistoire : micro-analyses, mises en contextes et conservation. Actes du colloque « Micro-analyses et datations de l'art préhistorique dans son contexte archéologique »*, MADAPCA - Paris, 16-18 novembre 2011, PALEO, numéro spécial, pp. 259-270.
- AUBRY, Thierry; SANTOS, André, T.; LUÍS, Luís, BARBOSA, António Fernando e SILVESTRE, Marcelo (2020). Fluvial dynamics and palaeolithic settlement: new data from the Côa Valley (Portugal), in Rodríguez-Álvarez X. P., Lombera-Hermida A. de, Fábregas-Valcarce R. & Otte M. (eds), *Palaeolithic of Northwest Iberia and beyond: multidisciplinary approaches to the analysis of Late Quaternary hunter-gatherer societies. Comptes Rendus Palevol*, 19 (7): 117-135. <https://doi.org/10.5852/cr-palevol-2020v19a7>
- BAPTISTA, A, GOMES, M.V. (1997). Arte rupestre. In: Zilhão, J. (ed.). *Arte rupestre e Pré-História do Vale do Côa. Trabalhos de 1995-1996*. Lisboa, Ministério da Cultura, pp. 210-406.
- LUÍS, L. (2009). Rocha 24 da Ribeira de Piscos: contexto estratigráfico de uma rocha gravada. In: AUBRY, T. (coord.) *200 séculos da história do Vale do Côa: incursões na vida quotidiana do caçadores-artistas do Paleolítico*. *Trabalhos de Arqueologia*, 52, 511 p.p. 84-93.
- REBANDA, N. (1995). *Os trabalhos arqueológicos e o complexo de arte rupestre do Côa*. Lisboa, IPPAR.
- REIS, M. (2014). Mil rochas e tal...!': Inventário dos sítios de arte rupestre do Vale do Côa (Conclusão). *Portugália* 35, pp. 17-59.
- SANTOS, A. T. (2019), *A arte paleolítica ao ar livre da bacia do Douro à margem direita do Tejo: uma visão de conjunto*, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. Monografias AAP, 9.
- SANTOS, A., T.; AUBRY, T. (2024). L'art paléolithique du Portugal une quarantaine d'années après la publication des gravures de Mazouco, *L'Anthropologie* 128 (5).
- UNESCO (1999). *Report on the twenty-second session of the World Heritage Commission. Kyoto, Japan (30 November - 5 December 1998) (Report)*. World Heritage Commission, Paris.
- ZILHÃO J. (coord.) (1997). *Arte Rupestre e Pré-História do Vale do Côa. Trabalhos de 1995-1996*. Ministério da Cultura, Lisboa.
- ZILHÃO, J., AUBRY, T. (1995). La pointe de Vale Comprido et les origines du Solutréen. *L'Anthropologie*, 100 (1), pp. 129-146.
- ZILHÃO, J., AUBRY, T., ALMEIDA, F. (1997). L'Utilisation du quartz pendant la transition du Gravettien-Solutréen au Portugal. *Préhistoire Anthropologie Méditerranéenne*, 6, pp. 289-303.